



O Analista de Discurso em Formação: apontamentos à prática analítica

Aracy Ernst-Pereira
Regina Maria Varini Mutti

RESUMO – O Analista de Discurso em Formação: apontamentos à prática analítica. O artigo, centrado teoricamente na análise de discurso de tradição pecheuxtiana, situa a formação do sujeito-pesquisador nessa disciplina como modo de subjetivação. A partir da indicação das condições em que a formação do sujeito-pesquisador se manifesta na contemporaneidade, especificamente no ensino superior de pós-graduação *stricto sensu*, explicitam-se sentidos acerca dos espaços e práticas em que se insere. Salienta-se o pertencimento às comunidades de pesquisa e a escrita da pesquisa, manifestação da singularidade do sujeito, na retomada dos pressupostos teóricos da área em novas pesquisas, atestando a mobilidade da memória discursiva. A seguir, enfocando a especificidade dos procedimentos analíticos, numa perspectiva de sistematização, são definidas as noções de falta, excesso e estranhamento, tendo em vista a constituição e a interpretação do *corpus* discursivo, buscando subsidiar pedagogicamente o trabalho de interpretação do analista de discurso.

Palavras-chave: **Formação do Pesquisador. Análise de Discurso. Falta. Excesso e Estranhamento.**

ABSTRACT – The in-training Research Analyst: notes for analytical practice. The article, following the discourse analysis tradition of Michel Pêcheux, focuses on the in-training researcher subject as a form of subjectivation. Departing from an examination of the contemporary conditions to which researchers are subjected, specifically in post-graduate studies, it seeks to explain the meanings of the spaces and practices in which they are inserted. Emphasis is placed on the research and writing communities to which they belong, on their singularity as subjects, on their application of the theory to other areas of research, to confirm the mobility of discursive memory. Then, focusing on the specificity of analytical procedures, from a classification perspective, the notions of lack, excess and strangeness are defined, in view of the constitution and interpretation of discursive corpus, seeking to subsidize the pedagogical work of interpretation of the analyst discourse.

Keywords: **Research Training. Discourse Analysis. Lack. Excess and Strangeness.**

Primeiras Palavras

Neste artigo, dirigimos nossa reflexão à formação do sujeito-pesquisador como analista de discurso, iniciando pela busca de significar algumas condições em que esta se realiza em nosso contexto e, a seguir, desenvolvendo uma sistematização dos procedimentos para concretizar a análise, potencializando, nesse movimento de retomada teórico-analítica, com base no estudo realizado por Ernst-Pereira (2009), subsídios para uma possível pedagogia da análise de discurso. O referencial da análise de discurso fundada por Michel Pêcheux emerge, neste trabalho, tal como o significamos ao empregá-lo em nossa experiência de ensino, de pesquisa e de orientação, nos programas de pós-graduação em que atuamos há cerca de quinze anos, no Estado do Rio Grande do Sul; e é deste modo, registrando por meio desta escrita algo da nossa história, que também nos reconhecemos como formadoras de pesquisadores-analistas de discurso.

Por que a escolha da análise de discurso? é uma questão que dirigimos aos estudantes que se apresentam, guiados pelo desejo e pela oportunidade de constituir o seu projeto de pesquisa nessa linha; todavia, essa é uma questão que insiste em nós, a nós também ela se dirige, vindo a comprovar que uma formação nunca está acabada e, em especial, a formação do analista de discurso, tal como a entendemos. Pois, em se tratando de pesquisa em análise de discurso, o desafio de *como fazer a análise?* retorna sempre, quer em nossas pesquisas *individuais*, quer nas pesquisas de nossos orientandos, quer nas bancas, quer nas leituras diversas de outras tantas análises que o trabalho acadêmico requer. Essa questão se propõe novamente a cada vez que se tem que efetivar a análise, mostrando o funcionamento discursivo de marcas linguísticas, como o referencial requer.

Do lugar que ocupamos, podemos arriscar justificativas desse gosto pela análise de discurso, sem universalizá-las, é claro, mas com base naquilo que mais nos toca. Seria, uma delas, que esse enfoque parece desenvolver no analista uma sensibilidade especial para olhar a linguagem e nela perceber o social. Outra justificativa, que o referencial discursivo responderia à necessidade de indignar-se diante de alguns dizeres e algumas práticas correntes identificados na vida em sociedade, pondo em suspeição alguns sentidos que pairam e nos governam, como se fossem verdades inquestionáveis. E, ainda, outra: pela própria formação de origem, que ficou em nós fortemente marcada, qual seja, o enfoque da língua, o gosto de mexer com a língua no seu uso pelos sujeitos. Pois então: será que valeria a pena analisar discurso, se não fosse para entrar em um debate que pensasse modos de viver com mais justiça e, sobretudo, de exercer o direito de inquietar-se, interrogar, participar?

Entretanto, é sabido que não basta o propósito crítico, sociológico, para dar conta da especificidade da posição de analista de discurso; assim, se ao linguista, conforme coloca Authier-Revuz (2006), costuma atribuir-se o cuidado com a língua, ao analista de discurso caberia o cuidado com o discurso

representado na língua. Explicitando com as palavras de Pêcheux: “Como tal corpo interdiscursivo de traços se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela?” (Pêcheux, 1993, p. 317). Essas noções determinam que o tipo de análise que condiz com a análise de discurso mostre a relação entre as marcas linguísticas, indicadas no intradiscurso pelo analista, e os sentidos interdiscursivos que são imateriais, da ordem da memória. Pesquisar, nessa trilha, os movimentos entrelaçados da língua, do sujeito, do sentido, em relação à educação e a outras esferas do social, torna-se um foco de atração para o olhar analítico, que, conforme assinalado em outro texto (Mutti, 2005a) costuma tornar-se irreversível quanto mais o sujeito se adentra na análise de discurso; esse direcionamento do olhar leva o sujeito, por exemplo, a deter-se em ocorrências cotidianas, tais como nos relatou uma professora do terceiro ano, intrigada ao observar que as crianças conjugavam corretamente o verbo ganhar (*ganhamos*) nos exercícios feitos em sala de aula, mas quando voltavam do recreio, no pátio, após a partida de futebol, gritavam: *ganhemu, ganhemu*; o enfoque do discurso permitiria entender que a filiação da criança à formação discursiva escolar, em que se visa à aprendizagem da língua culta, ainda se mostra reservada às práticas da sala de aula isoladamente, não se tendo ainda incorporado a práticas discursivas de outros contextos.

O saber do analista de discurso se reconstrói diante de cada análise; como bem marcou Orlandi (1999), os procedimentos da análise, imbricados com os princípios teóricos, atendem às especificidades de cada pesquisa, de tal modo que o estabelecimento do objeto de análise, o discurso, e do *corpus* que o representa, já consiste em uma das etapas analíticas.

Sendo a incompletude condição de toda filiação, compreendemos a nossa inserção na análise de discurso como em processo; nessa ótica, aquilo que nos falta ou que percebemos lacunar na teoria é justamente o que nos mobiliza ao aprofundamento de estudos, à teorização de aspectos relativos à efetivação da análise. Diante disso, também procuramos nos deter um pouco no enfoque do modo como os sujeitos penetram na área do conhecimento para ancorar suas pesquisas, adotando-a como a sua área e mantendo a singularidade de sua interpretação; e, nesse processo, mostra-se também a dinâmica do funcionamento da memória da área, heterogênea e aberta a novos sentidos.

Espaço e Sentido da Formação

É preciso explicitar em que sentido empregamos a palavra *formação*, pois não se trata de ter um ponto exato onde chegar, depois de ter cumprido as exigências de um curso, iniciado e terminado. O referencial da análise de discurso nos permite significar *formação* como modo de subjetivação; formação indica, assim, tornar-se sujeito que produz sentidos na prática de pesquisa. Podemos designar esse sujeito como sujeito-pesquisador-analista de discurso; esse sujeito,

na sua *formação inicial* no curso de titulação, ocupa a posição de *orientando*, mas também estão em formação continuada aquele que ocupa a posição de *orientador* e os demais participantes do grupo de pesquisa.

O espaço institucional onde se realiza a formação à qual nos referimos consiste no ensino superior, nos cursos *stricto sensu* de pós-graduação acadêmica que fornecem a titulação oficial para exercer a docência em nível superior, habilitando também à atuação em pesquisa, que hoje se tornou nas instituições públicas uma condição para o ingresso e a permanência nas funções docentes.

O lugar de pesquisador, caracterizado como de produção de conhecimento, demanda a participação em práticas específicas à pesquisa; tais práticas manifestam pedagogias, imprescindíveis desde a etapa inicial da formação. Numa formação para a pesquisa, supõe-se a interseção entre os discursos científico e pedagógico; para tanto, as posições de docente e discente passam a ter sentidos específicos, tais como sugerem as designações *orientador* e *orientando*. Já nas outras designações que concernem à formação para a pesquisa, tais como: *linha de pesquisa*, *área temática de pesquisa*, *grupo de pesquisa*, *grupo de orientação*, *grupo de trabalho* se encontra sinalizado o aspecto coletivo da prática de pesquisa acadêmica e do seu ensino. O pedagógico, assim, no que se refere à pesquisa, realiza-se em comunidades, onde se inicia e desenvolve o processo de formação do pesquisador, em cursos de pós-graduação da universidade.

A pesquisa e a formação de pesquisadores advêm de políticas governamentais destinadas a promover e sustentar a formação; entretanto, sendo os sujeitos, em seus contextos, que concretizam essas políticas, os dispositivos legais, de certa forma, se amoldam conforme a interpretação produzida em seus contextos, assumindo feições peculiares; compreende-se, desse modo, que sejam produzidos sentidos de reprodução/transformação, nas práticas vivenciadas pelos sujeitos. Os programas de pós-graduação, com suas linhas de pesquisa, os grupos de pesquisa, grupos de orientação, são espaços de formação que vão assumindo identidades peculiares. Cabe aos grupos de dentro de uma linha de pesquisa da instituição a realização da interlocução sistemática dirigida à produção de pesquisa; e cada grupo está em relação com outros grupos mais distantes com os quais compartilha a *produção*, unidos pelo interesse teórico e a dimensão da formação propiciada.

A Análise de Discurso (AD), hoje, está estabelecida como uma das possibilidades teórico-analíticas disponíveis ao pesquisador na área de humanidades. Constituída na área de formação em Letras, estende-se a múltiplas áreas; a disciplina possui identidade reconhecida, capaz de fazer sentido a novos pesquisadores, nos diversos territórios onde se espraia. A multiplicidade de grupos e a grande produtividade de pesquisas em Análise de Discurso atestam a mobilização crescente da memória da área.

Subjetivação e Construção da Disciplina

Pêcheux (1990), refutando o sentido de ciência régia, como construto pronto aplicado à realidade, designou a Análise de Discurso como uma *disciplina de interpretação*, destacando assim a natureza discursiva que supõe a heterogeneidade e a mobilidade do construto teórico. Uma disciplina, sem o estatuto de ciência, destaca o exercício, embora se configure como dotada de uma identidade específica, decorrente das posições teóricas assumidas que a caracterizam.

Desse modo, a formação suscita que essas posições a respeito do quadro epistemológico de fundação da disciplina sejam reconhecidas, e esse reconhecimento supõe que se torne objeto de estudo e de aprendizagem; trata-se de uma prática que privilegia o lugar acadêmico, pois requer estudo sistemático da relação entre os postulados e os procedimentos analíticos concernentes à disciplina. A noção de interpretação (Pêcheux, 1990) destaca a deriva do sentido, indicando que as análises discursivas realizadas não pretendem completude, mas variam conforme as perspectivas dos interpretantes, na junção entre estrutura e acontecimento que caracteriza o discurso, tal como postulou o referido autor.

Uma disciplina se constitui pelo movimento de estabilização e desestabilização, representado pela participação dos sujeitos que produzem sentidos historicamente na apropriação dos saberes que retomam do campo estabilizado. Nesse processo, os sujeitos em formação, com o trabalho de produção de sentidos representado em suas pesquisas, participam da construção coletiva dos saberes que constituem a memória da área teórica, concebida como heterogênea e aberta a novos sentidos. Assim, a memória da área teórica, sendo retomada, é reconstituída e reformulada na pesquisa, manifestando-se na textualização do trabalho, pela escrita. Assim se materializa a filiação à área pelo sujeito-pesquisador que nela faz a sua inscrição; e à medida que novos textos de pesquisa despontam, como formulações intradiscursivas que remetem ao interdiscurso da área, reforça-se a possibilidade de novas leituras e, conseqüentemente, novas retomadas da mesma.

Essa rede de pesquisas, heterogeneamente, constitui o interdiscurso da análise de discurso e forma a memória da disciplina como uma região do conhecimento. Em estudo anterior (Mutti, 2008) sobre a formação inicial na licenciatura, situamos formação como o processo no qual o sujeito constitui o seu próprio lugar de enunciar o discurso pedagógico de sua área de ensino, interpretando os referenciais, numa apropriação singular manifestada nos textos escritos para obter a titulação. Já a formação continuada suscita ampliação progressiva dos modos de participar da construção coletiva dos saberes que constituem a memória discursiva da área, pelo sujeito, com os estudos teóricos sobre especificidades identificadas quanto aos fundamentos teóricos e da análise no adentramento da experiência com pesquisa; parece comprovar-se assim

que a docência da análise se enlaça com a produção de análises, fertilizando-se mutuamente.

Enunciar a pesquisa significa preservar a área retomada e, ao mesmo tempo, sua alteração; a identidade reconhecida nesse movimento, condição de inscrição na área, depende da participação na comunidade que pratica e ensina a pesquisa. Bauman (2003) teoriza sobre o desejo de pertencimento a uma comunidade, a um grupo, destacando que estão em jogo, nesse processo, relações imaginárias nas quais se ressalta a de sentir-se em segurança, dentre outras expectativas positivas sobre o que se poderá compartilhar no grupo. O autor assevera, não obstante, que pertencer a uma comunidade afeta também o sentimento de liberdade; todavia, pondera ele que “[...] não podemos ter as duas [segurança e liberdade] ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos” (Bauman, 2003, p. 11) Afirma ainda que a permanência em uma comunidade demanda ser avaliado constantemente; uma admissão, não sendo definitiva, coloca os sujeitos num lugar de suspensão, na expectativa não somente de obter, mas de garantir o seu espaço no grupo.

A posição de pesquisador demanda passar por instâncias de avaliação instituídas, e esse fato, apesar da apreensão de ser avaliado, também é fator de distinção, afetando o sujeito não somente na sua formação inicial, mas também após a titulação, na formação continuada; a posição de docente de pesquisa é fortemente olhada e governada, não apenas externa, mas internamente pelos próprios sujeitos.

Assim, por exemplo, a designação *orientando* situa não somente que o trabalho de pesquisador precisa da parceria de outro sujeito – o *orientador*, que confere, para além do sentido de dependência, também uma distinção ao aluno pela própria filiação. Nessas condições, supõe-se então que, em se filiando aos já-ditos da área, o estudante faça a sua formação inicial no curso, encontrando o seu lugar de enunciação no discurso da pesquisa em análise de discurso. Esse discurso está presente nas formulações dos autores de referência e tem ressonância junto aos interlocutores que compõem o contexto, constituindo uma coletividade peculiar, da qual fazem parte os colegas, o orientador, outros docentes-pesquisadores da mesma instituição e de outras, os membros das bancas de avaliação, os autores conhecidos pessoalmente com quem se pode travar um diálogo ou aqueles sobre os quais se fala, nossos conhecidos pelos seus escritos, retomados e interpretados. Poder-se-ia dizer que o rumor das tantas interpretações dos sujeitos faz com que uma disciplina tenha vida.

Formação e Escrita

É sobretudo por meio da produção escrita, que apresentará as marcas do contexto em que se ancorou, que se faz a inscrição do sujeito com seu trabalho na memória coletiva da disciplina, pois tornar-se sujeito-pesquisador supõe que ocupe a função-autor (Orlandi, 2006), constituindo-se como autor na área

de análise de discurso. Mobilizam-se parcerias e apoios institucionais que convergem para a concretização do principal produto da formação pleiteada, o texto, a materialidade resultante de todo o processo compartilhado entre sujeitos autorizados para tanto. O pesquisador-autor suscitará leitores e contribuirá, com a sua produção, para novos debates que significam retomadas da área, levando adiante também as marcas do contexto em que se ancorou, capaz de passar a figurar na memória coletiva mais ampla da área, à disposição para ser retomada.

A apropriação do referencial teórico-analítico, feita em meio a uma rede complexa de enunciados discursivos que devem fazer sentido ao sujeito que os emprega em sua pesquisa, supõe o trabalho de recriação desses sentidos, sempre com diferença, manifestando-se no nível da formulação, pela escrita. A pesquisa se concretiza pela escrita, numa textualidade escrita. Desse modo, faz-se a afirmação de uma voz, com seu efeito de singularidade, que aponta ao coletivo que produz sentidos. Cada nova escrita em Análise de Discurso atesta que essa área também é de constituição dinâmica, movimentada pelas enunciações dos sujeitos, representadas nos novos textos produzidos; mas não se tem garantia de que uma nova textualização de pesquisa vá durar na memória da área; o fato de ser esquecida ou lembrada dependerá do impacto da apropriação em relação ao interesse dos debates em dado contexto, em dado tempo, sob determinantes de natureza sócio-histórica.

Cada produção textual na área entra no coro de vozes surtindo efeito uníssono, mas fala com o timbre da própria voz. A posição de aluno-pesquisador está constantemente a nos mostrar que o modo de aprender é variável, que o produto da aprendizagem é singular, mesmo que carregado de outras tantas vozes; não obstante, essa singularidade não é propriamente de ordem individual, pois aponta ao coletivo do qual emerge. Desse modo, a formação de um implica a formação do outro, nos contextos de formação, e esses sentidos podem ser encontrados nos textos produzidos por dado grupo, nas ênfases que os caracterizam.

Na escrita se representa com maior evidência o modo como se foi afetado pelos textos referenciais que circulam no grupo, e há que se dizer que em cada grupo circulam referenciais de uma área de modo parcial. Toda referência a uma área é incompleta, falha... haveria como apreender o pretense todo de uma área do saber? Seria possível uma leitura plena? Lidamos com interpretações de sujeitos, quando ensinamos e aprendemos. Incidimos os nossos trabalhos nos textos referenciais que mais nos afetam, aos quais nos apegamos. Pensar e sentir não estão separados; o desejo de ser analista de discurso não independe do prazer em realizar a análise. Essa relação é complexa, pois uma análise de discurso pode fincar-se irredutivelmente em modelos consagrados e produzir sentido convergente, mas também pode enfatizar a recriação numa perspectiva divergente, desde que se faça reconhecida como da Análise de Discurso (AD).

No caso da formação do analista de discurso, na linha aqui enfocada, destaca-se em especial a análise, a qual faz parte da textualização da pesquisa. Em dissertações de mestrado, teses de doutorado, ensaios de iniciação científica,

nessa área de estudos, espera-se encontrar uma análise que se distinga e particularize seu modo de incluir-se na área. Em sua escrita [da análise] materializa-se o fazer do pesquisador [analista] como autoria, dando visibilidade ao seu pertencimento à comunidade de leitores e produtores de análises de discurso.

Formação: os textos fundadores da disciplina e os outros textos

Os textos fundadores da Análise de Discurso remetem ao seu principal autor, Michel Pêcheux, e outros autores que compartilharam essa fundação; há várias obras que nos contam esta história da disciplina no contexto francês, dentre as quais salientamos *A inquietação do discurso*, de D. Maldidier (2003) e *L'Analyse du discours*, de Francine Mazière (2005). O resgate dos contextos, das condições de produção do construto teórico-analítico que compõe a disciplina tem importância para preencher lacunas, responder a questões que o referencial suscita. De qualquer modo, a formação do analista demanda a leitura das obras fundadoras e, ainda, de seguidores que desenvolveram a teoria a partir de seus estudos e pesquisas, que hoje representam um vasto acervo.

O próprio referencial discursivo nos indica que uma apropriação teórico-analítica está também sujeita à deriva do sentido. Desse modo, o pensamento do autor, manifestado nos textos que abarcam a sua obra, não se dá a conhecer inteiramente na nossa leitura, pois esta tem os limites das nossas próprias condições; haverá, portanto, sempre algo a suscitar novas leituras, novos comentários, na busca de compreensão das noções e procedimentos da disciplina. Na nossa formação, lemos e relemos diversas vezes os textos fundadores. A obra nunca se revela a nós completamente, ou melhor, não conseguimos saber tudo sobre o autor e sua obra, e nisso também reside um pouco do fascínio que um autor exerce sobre os seus seguidores; essa atração é fomentada à medida que encontra eco no interesse dos demais membros do grupo de estudiosos, ensejando debates.

No caso da obra de Michel Pêcheux, ele mesmo lhe dá o estatuto de uma disciplina de interpretação e, com isso, podemos entender que o quadro de postulados está definido, são sistemáticos, mas não isentos de novas possibilidades de interpretação; o autor, assim, enfatiza o movimento dos sentidos produzidos pelos sujeitos nas condições de existência, sob influência das condições de produção. Em sua própria teoria, observa o desdobramento da interpretação, indicando três épocas de seu desenvolvimento, de 1969 a 1983 (Pêcheux, 1993). Como constatamos no estudo (Mutti, 2005b) desse texto de Pêcheux, a obra e seu autor, fundador de um campo do saber, mantém-se viva à medida que pode ser alvo de apropriação em novas enunciações de pesquisadores, suportando inclusive retomadas de sentido contestatório, assim como o próprio autor demonstrou em sua metarreflexão.

Entretanto, em muitos trabalhos acadêmicos de pesquisa, a referência

do autor-fonte dirige-se ao aprofundamento, ou seja, ao resgate do caminho que levou o autor a formular uma noção e a fazer uma articulação entre noções diversas. Caracteriza-se assim a formulação de um comentário sobre as noções; estas passam a ser objeto de conhecimento, e quem produz sentido nessa posição ocupa a posição de produtor de sentido teórico também. No caso da análise do discurso, há muito a explicitar, a estudar, a enfatizar no enfoque dos fundamentos teóricos e analíticos da disciplina, sem pretender esgotá-la, pois o construto permite esta abertura. A formação passa por essa demanda, sendo possível que algum elemento ainda não formulado possa emergir durante a apropriação da teoria.

Entendendo-se que a formação do pesquisador está estreitamente ligada ao contexto onde ocorre, cada grupo produz a sua interpretação do referencial teórico da análise de discurso com base na ênfase a elementos da teoria que são retomados, mas também nas ênfases de alguns temas, levados à análise; as identidades dos grupos que praticam a análise de discurso consolidam-se nessas condições.

Desse modo, pode-se dizer que as releituras da Análise de Discurso são mediadas por textos de autores que interpretaram a disciplina em novos contextos e, sob novas condições de produção, deram vida a esse campo, ressignificando-o. De qualquer forma, a memória da disciplina é reconstituída quanto a aspectos que fazem sentido a cada nova problemática de pesquisa. Toda formação demanda que os pesquisadores lidem com faltas, lacunas que emergem na apropriação teórica.

O vasto acervo que integra a disciplina de Análise de Discurso representa o conjunto de significações que, de algum modo, apontam aos textos fundadores e propiciam uma mediação; inclusive, muitas vezes os novos textos passam a ser os discursos fundadores, pois se tornaram definidores, direcionadores de sentidos a novas interpretações. No contexto brasileiro, a título de exemplificação, podemos citar a obra de Orlandi (2005), autora e formadora de analistas de discurso. Entende-se que comentar também é teorizar, é reapresentar o pensamento do filósofo tal como o percebemos, as articulações pelas quais montou a sua teoria, por meio da leitura de seus textos.

Assim como o analista de discurso é um sujeito histórico, sua análise será historicizada; desse modo, a formação lida com a ilusão do um – do pertencimento à área – e o real de incompletude de seu modo de identificação. O que pode o analista de discurso? Pode retomar pressupostos da área em que se insere, a partir da utilização de elementos da teoria-análise, como uma ferramenta para responder à problemática de repensar a realidade vigente objetivada em sua pesquisa. E ao lidar com o heterogêneo do discurso, com as derivas do sentido, o resultado de cada análise não contorna exatamente o real, embora a ele aponte.

A disciplina de interpretação, como Pêcheux designa a Análise de Discurso, torna-se peculiar porque o analista vai ter que mostrar na materialidade da linguagem, de natureza verbal ou não verbal, o funcionamento do discurso; o que interessa é evidenciar na análise o modo como as materialidades registram

as imbricações do social na linguagem relacionada à noção de discurso; os esforços convergem para a análise do discurso que está objetivado.

É, portanto, nessas práticas de pesquisa, onde ocorrem as atividades de ensino e elaboração de trabalhos de pesquisa, que, seguindo Pêcheux (1999), entendemos que a memória da área se redescobre, movimenta-se o seu contorno; a memória da área é reconstituída na enunciação de cada análise que se ensaia e se efetiva, buscando atender às demandas da nova pesquisa; a cada movimento voltado ao desejo de praticar a análise, a tensão desta retomada da teoria inquieta o analista, que se depara com o desafio de textualizar sua pesquisa de acordo com os princípios e procedimentos que reconhece como análise de discurso.

A Análise de Discurso se caracteriza pela demanda de efetivar uma análise, imbricados, como foi referido, os princípios teóricos e os procedimentos (Orlandi, 1999). Mas esta concretização não se dá de imediato, é como uma trilha a ser forjada, de acordo com os pressupostos que já se tem. São tantas, em número cada vez mais crescente, as retomadas da área em novas pesquisas. Acredita-se que essas retomadas todas, da formação discursiva representante do construto teórico fundador, não se dão de uma mesma maneira, não se tem garantia de que se conservem de todo, o discurso fundador se historiciza de diferentes formas em contextos variados nos quais fazem sentido.

O Pesquisador e seu *Corpus*: a falta, o excesso e o estranhamento

Um dos problemas com que se depara o analista de discurso é o recorte a ser operado no *corpus* empírico para constituir o *corpus discursivo* a partir do qual são organizados e aplicados os procedimentos descritivos e interpretativos que constituem o modo de trabalho da Análise de Discurso (AD). Essa dificuldade deve-se à natureza da disciplina que não segue critérios empíricos ou positivistas. De maneira consensual, os estudiosos partilham a ideia de que nada existe preestabelecido entre os diversos objetos de estudo dessa disciplina e os recursos que a linguística oferece, uma vez que cada *corpus* instaura questões específicas e, em função dessas questões, são mobilizados diferentes conceitos. Dessa forma, a escolha de um aspecto linguístico e/ou enunciativo a ser focalizado em detrimento de outro, assim como de um procedimento analítico em detrimento de outro, depende da dinâmica do discurso, a ser observada pelo analista, aí implicados o sujeito submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante. Essas três noções que, em qualquer pesquisa em AD, deverão estar sempre presentes como dispositivos operatórios explicitados e/ou substratos teóricos das práticas interpretativas introduzem uma maneira peculiar de abordar o objeto discursivo.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao movimento pendular que

traça permanentemente um trajeto entre análise e teoria, como um fio que corre de um a outro ponto, em que são trabalhados, em inter-relação, diferentes campos do conhecimento. Uma das preocupações fundamentais na *costura* entre a análise e a teoria é estabelecer o ponto de equilíbrio entre a demanda da reflexão linguística e enunciativa e a demanda da reflexão sobre a exterioridade teórica convocada; em outras palavras, evitar reduzir a análise ao estrito formalismo da língua¹ e evitar transformá-la (a análise) em estudo de um dos campos das ciências sociais, o que provocaria uma rarefação do processo interpretativo proposto pela AD. Portanto, o que vai determinar o sucesso da análise de discurso é a compatibilidade entre a mobilização dos princípios teóricos definidos para o entendimento do objeto de estudo, intrinsecamente ligados à subjetividade e à historicidade, e o reconhecimento de aspectos linguístico-enunciativos constituintes do *corpus* em estudo a elas relacionados.

Para uma Sistematização Teórica dos Caminhos Analíticos

Nesse processo de afinamento ou regulação metodológica, algumas operações são requeridas do pesquisador em termos de observação do *corpus*. É dessas operações que se pretende tratar a partir de três conceitos-chave: a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento*. Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de sequências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos, funcionando como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista ou empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar inúmeros e incontáveis modos do dizer e do não-dizer. Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus*. Esse parece ser o rumo tomado por vários analistas em AD.

Pêcheux (1990), por exemplo, considerando o entrecruzamento de três caminhos – o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação –, desenvolve uma análise a partir daquilo que *falta* na estrutura do enunciado *On a gagné*: quem ganhou? ganhou o quê?. Essa falta, de ordem sintática, define o que da estrutura deve ser trabalhado em termos da interpretação do acontecimento, no caso, a improvável vitória de François Mitterrand que se efetivou nas urnas por ocasião das eleições à presidência da República na França em 1981.

Authier-Revuz (2004)², na análise desenvolvida no texto *O lugar do outro em um discurso de falsificação da história*, a respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich, identifica, de um lado, a *falta* de termos que deveriam necessariamente aparecer como: estrelas amarelas, guetos, prisão em

massa, comboios, registros etc., mas que são silenciados e, de outro, o *excesso* de termos relativos a atos de discurso, tais como: dizer, redizer, declamar, repetir, chamar etc. e de gêneros e formas materiais de discurso como confissão, testemunho, mentira, propaganda, comentário, carta, jornal etc. A identificação pela autora da “[...] onipresença de certos temas vs ausência de outros termos ingenuamente esperados” (Authier-Revuz, 2004, p. 242) permitiu-lhe, no caso específico, apontar um deslocamento estratégico no discurso analisado, cujo objetivo era estabelecer uma simetria fictícia entre *a verdade revisionista*, fundada no anti-semitismo e no anti-sionismo, e o referente histórico. Vê-se, então, que assim como a *falta*, o *excesso* também estabelece o ponto a partir do qual o processo de interpretação pode ser realizado pelo analista.

O outro conceito aqui apresentado é o *estranhamento*. Um exemplo ocorre em Ernst-Pereira (2004), no texto *O discurso da exclusão nos contos de fadas*³, em que são surpreendidos elementos da ordem do inesperado. O propósito era estudar o discurso infantil sobre os contos de fadas, investigando como crianças, em fase escolar, compreendem tais histórias e como expressam, em seus discursos, os significados da feminidade e masculinidade a partir da exposição às histórias, *Rapunzel* dos Irmãos Grimm e *Procurando Firme* de Ruth Rocha, e da posterior elaboração de um texto. Em uma das sequências discursivas analisadas, *A Linda Flor ficou com pena da Rapunzel e aí ela arrumou um jeito de Rapunzel fugir com ela*, a pequena autora apresenta algo estranho aos contos de fadas tradicionais, relacionado ao interdiscurso: a princesa é salva por uma personagem feminina e não por um príncipe, o que implica no alijamento do homem como salvador e provedor. Essa inversão de perspectiva histórica consiste na sobreposição da solidariedade à rivalidade e disputa entre mulheres em prol das benesses de algum príncipe. Há a quebra da ordem esperada e o efeito, um tanto desconcertante, expõe a possibilidade, no caso, de o amor encontrar-se representado na ligação entre duas personagens femininas e não entre uma personagem feminina e outra masculina. A mulher, na sequência analisada, situa-se em relação à outra mulher. Não há pausas ou interrupções como nas elipses (da ordem da falta) ou como nas incisões (da ordem do excesso) (cf. Haroche, 1992). O estranho, por um processo osmótico, nesse caso, serve-se da própria estrutura narrativa, sem alterá-la, para se fazer representar.

Num outro trabalho (Ernst-Pereira, 2008), a autora focaliza sua análise no *estranhamento* que se opera a partir de elementos presentes na linearidade significativa que provocam ruptura na ordem sintática. O trabalho⁴ perseguiu rastros deixados, no discurso do sujeito negro, da construção da identidade branca que ele foi obrigado a desejar. Tentou mostrar o conflito que se instaura no corpo e na palavra do sujeito a partir da análise de diferentes formas de autodesignação. Uma das sequências analisadas – *Sou, melhor dizendo, estou sendo, uma mistura de asiático com afro-descendente* – apresentou uma construção perifrástica⁵ inesperada frente às condições de produção desse discurso que, juntamente com o uso da glosa metaenunciativa *melhor dizendo*, permitiu interpretar uma zona intermediária que coloca o sujeito imaginariamente num

não-lugar, fazendo-o escapar da negatividade implicada em ser negro, imposta historicamente. Observe-se que, neste caso, combinam-se o *estranhamento* (a construção perifrástica) e o *excesso* (a glosa metaenunciativa).

Ressaltemos que os três conceitos aqui em jogo – a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento* – devem ser interpretados numa dupla dimensão: a do intradiscurso (materialidade discursiva) e a do interdiscurso (memória discursiva), uma vez que a AD trabalha um objeto inscrito na relação da língua com a história. A partir daí, podemos tentar explicitá-los da seguinte forma:

a) a *falta* – estratégia discursiva que consiste: 1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida (ou não) pela gramática, que provocam determinados efeitos de sentido, diferentes daqueles que ocorreriam, caso esses elementos se fizessem presentes na linearidade significante; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que, embora esperados em função do espaço discursivo, das formações discursivas e das condições de produção em jogo, não incidem nessa linearidade.

No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores.

A *falta* pode ocorrer, no nível intradiscurso, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical em que algo previsto pela estrutura gramatical não se materializa linguisticamente. Tem-se, nesse caso, estruturas lacunares que: a) impedem a emergência de sentidos ligados à memória de outro dizer, sentidos possíveis, mas colocados fora do discurso por um processo derivado ou da imposição pelo *silenciamento*, como o que acontece por exemplo nos regimes ditatoriais em que a palavra é censurada pelo outro⁶, ou pela *falha* que, junto com o esquecimento, são elementos que constituem a memória; b) mascaram as diferenças entre posições-sujeito diferenciadas, dando, ao enunciado, um efeito de consensualidade.

Alguns desses processos normalmente são interpretados, aos olhos da gramática tradicional, como formas de dizer, vinculadas às intenções estéticas de quem as usa. Aqui elas têm outro estatuto. Ligam-se às determinações históricas de quem as produz. Enquadram-se nesse caso, por exemplo: a elipse, concebida como uma *falta necessária* pela gramática (cf. Haroche, 1992), as reticências, o zeugma, certas omissões de determinantes, as nominalizações que apagam o agente, as passivas sintéticas ou analíticas também com o apagamento do agente, substituições lexicais cujo termo substituinte é genérico etc.

Já a *falta*, relacionada mais diretamente à ocultação de elementos do interdiscurso de uma dada formação discursiva que só poderão ser resgatados a partir do apelo aos exteriores da linguística⁷, provoca um contingenciamento discursivo. Isso se estabelece em função de determinadas condições de produção históricas e/ou enunciativas, referentes à relação do sujeito com o objeto de que fala, com a língua que fala e com o interlocutor com quem fala;

b) o *excesso* – estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está

demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um *acréscimo contingente* (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em *acréscimo necessário* ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição.

c) o *estranhamento* – estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado. Aqui se dá o efeito de *pré-construído* através do qual *um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente*, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado.

Tais critérios encontram-se na dependência dos propósitos do analista e de sua perspicácia e conhecimento para identificar as infundáveis formas que o dizer e o não-dizer podem tomar. Pretendeu-se, sem sacrificar as exigências do rigor conceitual da AD e a trama teórica que a compõe, como também a complexidade envolvida nos procedimentos analíticos, auxiliar quem se inicia nas trilhas do discurso, tematizando três conceitos que podem constituir pontos de encontro da linguística com a ideologia e o sujeito. No entanto, trata-se, em certa medida, de categorizações e, como tais, são redutoras; mas dado o seu caráter didático, talvez possam se revelar úteis no processo de desautomatização que deve caracterizar a leitura do analista.

Finalização

De posse dos três conceitos – a falta, o excesso, o estranhamento – considera-se que o analista tem em mãos ferramentas que, possivelmente, o ajudarão a constituir o *corpus* e a produzir a sua interpretação como analista de discurso. A análise, dotada de um componente criativo, precisa ser capaz de surpreender o leitor por sua diferença. A análise de discurso suscita progressivo adentramento no ofício, como um ateliê no qual a cada prática mais se abre o saber sobre o objeto.

Desse modo, a formação do analista de discurso, transcendendo, sem ser excludente, o fato de saber analisar o *corpus* específico de uma pesquisa estrita, é um modo de subjetivação mais abrangente que transforma a sua relação com

a linguagem no próprio cotidiano. Entendemos que a formação, passando pela iniciação tutelada nos primeiros ensaios, continua reclamando pertencimento, o qual será regulado pelas próprias comunidades que atuam na área. Importa mobilizar-se para interagir com o outro no grupo e, sempre, com o outro do referencial teórico-analítico, sempre revisitado para buscar respostas às realidades que se nos deparam no mundo em movimento refletido nos *corpora* que estabelecemos em nossas análises. Essas disposições para continuar pesquisando tornam-se “[...] efeito de identificação assumido e não negado”, como indica Pêcheux (1990, p. 57). Uma teoria, sendo profícua para os sujeitos que a empregam, permanece viva, fazendo-lhes sentido.

Recebido em fevereiro de 2011 e aprovado em setembro de 2011.

Notas

- 1 Estamos tratando evidentemente da materialidade discursiva que consiste numa relação determinada entre a língua e a ideologia, distinta da ordem da língua que se esgota nas unidades e nas relações internas do sistema.
- 2 O trabalho da autora é aqui tomado como exemplo, tendo em vista os pontos de contato entre a teoria da enunciação que desenvolve e os estudos em AD.
- 3 Texto apresentado na ANPOLL em 2004, referente à pesquisa *(Re)invenção de histórias sem fim. O discurso de exclusão em contos de fadas*. A sequência citada foi retirada de uma redação elaborada por uma criança de 3ª série, do sexo feminino, do Ensino Fundamental.
- 4 Texto apresentado no CELSUL em 2008, *Do corpo à palavra: o efeito sujeito* em que é estudada a relação entre os elementos sócio-históricos e o processo identificatório do sujeito negro.
- 5 Essa forma perifrástica enquadra-se no presente progressivo (presente do indicativo do auxiliar *estar* mais o gerúndio) para exprimir o presente atual.
- 6 Por exemplo, a censura que houve à palavra *prostituta* do título da peça de Sartre *A prostituta respeitosa*, encenada aqui no Brasil na época da ditadura. Considerada imprópria por ferir aos *bons costumes* foi obrigada a ser retirada e, em seu lugar, foram colocadas reticências.
- 7 Trata-se aqui especificamente dos diferentes campos das ciências sociais: história, antropologia, sociologia etc.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. O Lugar do Outro em um Discurso de Falsificação da História. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a Transparência e a Opacidade**. Um estudo

- enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 239-257.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Arrêts sur Mots**: l'épreuve de la langue dans l'énonciation et l'écriture. 2006. Mimeo.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. **O Discurso da Exclusão nos Contos de Fadas**. 2004. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Análise do Discurso – GT de AD na Associação Nacional de Pesquisa em Linguística e Letras – ANPOLL, Maceió, 2004.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. **Do Corpo à Palavra**: o efeito sujeito. 2008. Trabalho apresentado no Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, Porto Alegre, 2008.
- ERNEST-PEREIRA, Aracy. **A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/ Interpretação do Corpus Discursivo**. 2009. Trabalho apresentado no IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso - SEAD, Porto Alegre, 2009.
- HAROCHE, Claudine. **Fazer Dizer, Querer Dizer**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.
- MAZIÈRE, Francine. **L'Analyse du Discours**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- MUTTI, Regina Maria Varini. Análise de Discurso e Ensino de Português: o que interessa ao professor. **Entrelinhas**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, ano II, n. 1, jan./abr. 2005a. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=5>>. Acesso em: 16 ago. 2009.
- MUTTI, Regina Maria Varini. Formar-se para Ensinar Linguagem: a interpretação do licenciando. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO ENDIPE, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. P. 01-15.
- MUTTI, Regina Maria Varini. O Primado do Outro sobre o Mesmo... In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005b. P. 281-286.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. A Análise de Discurso em suas Diferentes Tradições Intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. **Michel Pêcheux e a Análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. P. 75-88.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **A Análise de Discurso**: três épocas (1983). In: GADET, François; HAK, Tony (Org.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. P. 311-318.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Org.). **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. P. 49-57.

Aracy Ernst-Pereira possui Mestrado (1980) e Doutorado (1994) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Paris III, Sorbonne-Nouvelle (2001). É professora titular da Universidade Católica de Pelotas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras. Temas de pesquisa: discurso proverbial, reescrituras de contos de fadas, corpo e subjetividade, ideologia e ensino, discurso e redes sociais.

E-mail: aracyep@terra.com.br

Regina Maria Varini Mutti possui Mestrado (1980) e Doutorado (1993) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É Docente Colaboradora Convidada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Educação Arte Linguagem Tecnologia. Temas de pesquisa: Educação, Linguagem, Discurso, Texto, Ensino, Currículo, Formação.

E-mail: reginamutti@terra.com.br